

## **FORMAÇÃO CONTINUADA DIFERENCIADA: O USO DE RECURSOS NATURAIS, COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO POVO INDÍGENA MACUXI DE NORMANDIA-RR.**

Lindomara da Silva Souza<sup>1</sup>  
Sheila Macedo Soares<sup>2</sup>  
Francisca da Silva Amorim<sup>3</sup>  
Romênia Oliveira<sup>4</sup>  
José Airton da Silva Lima<sup>5</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Muito se discute, na educação escolar, como o processo de ensino e aprendizagem pode afetar tanto o conhecimento, o aluno quanto o professor. Dentro deste contexto, destaca-se a Educação Escolar Indígena. A mesma está prevista como modalidade na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 1996 e estabelece que a educação escolar para os povos indígenas deve ser intercultural e bilíngue, visando a reafirmação de suas identidades étnicas, a recuperação de suas memórias ancestrais, a valorização de suas línguas, saberes e conhecimento. O processo de ensino e aprendizagem na Educação Escolar Indígena precisa ser diferenciado para que se possa garantir uma prática pedagógica verdadeiramente indígena. Os profissionais do ensino indígena tem a clareza do que seja, realmente, um processo de ensino e aprendizagem diferenciado? É importante destacar, que a Educação Escolar Indígena e Diferenciada, muitas vezes, dentre outros aspectos, pode está limitada por falta de orientações de como proceder metodologicamente no ensino desta modalidade. Portanto, este trabalho tem como objetivo correlacionar estratégias metodológicas pedagógicas, através das práticas pedagógicas para a inserção da cultura indígena, construindo experiências e saberes. Para tais estratégias, foram utilizados como recursos didáticos os próprios recursos do contexto das escolas indígenas.

---

<sup>1</sup> Especialista em Métodos e Tec. De Ensino do Instituto Federal de Roraima - IFRR, [Lindomarandias@gmail.com](mailto:Lindomarandias@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduado pelo Curso de Pedagogia da Faculdade Roraimense de Ensino Superior – FARES, [sheilamacedosr@gmail.com](mailto:sheilamacedosr@gmail.com);

<sup>3</sup> Especialista pelo Curso Ensino da Biologia da Faculdade Venda Nova do Imigrante-FAVENI, [fsilvasouza@gmail.com](mailto:fsilvasouza@gmail.com);

<sup>4</sup> Graduada Pelo Curso de Pedagogia da Univerdade Paulista-UNIP [romenialimadeoliveira@gmail.com](mailto:romenialimadeoliveira@gmail.com)

<sup>5</sup> Professor Orientador, Doutor em Educação-Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, [joseairtondasilvalima@gmail.com](mailto:joseairtondasilvalima@gmail.com).



Através destes recursos se trabalhou os aspectos do letramento, alfabetização, leitura e escrita, tanto na língua portuguesa quanto a língua materna indígena. Como exemplo pode se destacar o uso de diversos tipos de sementes como forma de se trabalhar a matemática (grandezas e quantidades); Construção dos numerais com o uso das sementes, plantas, mostrando-lhes as quantidades, além de trabalhar a língua materna com o uso dos números. O Caranã (Material encontrado na árvore do Buriti) trabalhou-se o grafismo, mostrando-lhe sua originalidade de traços e cores; O barro sendo utilizado para confeccionar formas geométricas, letras do alfabeto em alto relevo; Através deste curso os professores participantes aplicaram esta metodologia em suas respectivas escolas e, depois refletiram sobre as mesmas na formação. Isso foi possível por que o curso teve como metodologia a ação – reflexão-ação. Os relatos de experiências, descritas pelos professores indígenas, estão voltados para a construção de saberes pedagógicos conforme sua cultura, a partir do cenário da realidade do professor e aluno indígena. O curso, que teve como foco o Letramento, Alfabetização, Leitura e Escrita e favoreceu uma reflexão no sentido de se trabalhar esses processos de aquisição da leitura, mas também, buscando utilizar os recursos naturais como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem visando favorecer uma consciência de preservação ambiental. Desta forma, o processo de ensino e aprendizagem focou, também, na valorização dos recursos naturais visando a sua conservação através da ação docente.

Este trabalho teve como objeto de estudo, o Curso de formação continuada para professores indígenas que atuam na Educação Infantil e series iniciais do Ensino Fundamental do município de Normandia, o qual, por sua vez teve, como tema Letramento, Alfabetização, Leitura e Escrita. Os participantes são professores e professoras indígenas das etnias Macuxi e Wapichana que atuam nas escolas indígenas da Terra Indígena Raposa-Serra do Sol das Regiões Raposa e Baixo Cotingo do Município de Normandia-RR.

Normandia é um dos 15 municípios que compõem o estado de Roraima, com área de 7.007,90 Km<sup>2</sup> onde predominam os campos gerais (lavrado) ao sul e montanhas ao norte, localizado a Leste do Estado de Roraima faz fronteira com a República da Guyana. Segundo o Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE), dados 2022, Conta com a população de 13.669 Habitantes divididos pela sede e mais de 120 comunidades indígenas.

### **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Neste trabalho, foi utilizado uma pesquisa bibliográfica e experimental. O registro e entrevista deste estudo se desenvolveu através da abordagem da prática reflexiva das atividades didáticas dos professores que fazem parte dessa experiência de formação continuada diferenciada. A experiência foi realizada no município de Normandia-RR na área da Terra

Indígena Raposa - Serra do Sol, tendo como alvo professores e professoras indígenas municipais atuantes nas Regiões Indígenas da Raposa e Baixo Cotingo. O referido alcançou, aproximadamente 180 professores indígenas atuantes em 66 escolas municipais indígenas com etapas da Educação Básica da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I. Os professores, que são atuantes nas escolas municipais participaram assidualmente da formação contribuindo, através de relatos de suas experiências, com o processo metodológico da formação com foco na ação-reflexão-ação.

O ensino à distância foi umas das alternativas para compor com excelência o aprendizado dos professores, pois, durante o período presencial, os mesmos, faziam as reflexões e, em outro momento, em suas respectivas escolas os professores desenvolveram atividades escolares com recursos naturais encontrados em sua comunidade, como por exemplo: barro, folhagem (Manga, Caimbé, Caju), caroço de buriti, Jenipapo (Tinta), Urucum, sementes, caraná( talo da árvore do fruto buriti).

O Ensino da Língua materna faz parte desse cenário, sendo aproveitado os professores falantes para abordar a oralidade quanto a escrita, focando nas metodologias que foram trabalhadas visando o letramento, alfabetização e leitura.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **A importância da Formação Continuada Diferenciada para os povos indígena.**

A educação para os índios foi imposta por um modelo Europeu, desde o início da colonização brasileira pelos então Jesuítas, como forma de “Salvar a alma” dos indígenas. Tal modelo teve força pela igreja cristã européia com intuito de respaldar e objetivar o Estado Europeu para aculturar os indígenas. Este modelo de escolas para os índios perpassou todos os períodos políticos do Brasil. Esta política de educação para os povos indígenas, somados a fatores puramente comerciais, através da exploração da mão de obra e de suas terras, trouxe diversos fatores que acabou por ajudar a exterminar diversos povos indígenas, expulsar tantos outros de suas terras, e levar tantos outros povos a condição de flagelos humanos. A extinção da cultura indígena e de seus povos foi uma política de estado para os indígenas. Não era de interesse do Estado ter indígenas, mas usá-los para tomar suas terras e monetizar as riquezas naturais que estes povos originários sempre defenderam.

Por ações estratégicas, de resisitências, sabedorias e, se aproveitando do momento da abertura política do Brasil, os povos indígenas, conseguem reverter, na Constituição Federal de 1988, o termo de política para os índios para uma política de Educação Indígena. Com a aprovação do Artigo 231 da CF, o estado passa assumir a proteção dos povos indígenas isolados e não isolados.

Comparada a outros períodos longos de massacre indígena é uma política nova, mas já contribui pra se construir uma história indígena diferente daquelas anteriores empregada pelo Estado. A educação escolar passa a ser de responsabilidade do órgão que compete a tratar das questões indígenas no país, prestar assistência e protegê-los, a mesma perpassa pela responsabilidade de todos os sistemas de educação tanto Federal, Estadual quanto municipal.

Como fruto desta política de educação indígena diferenciada, conquistada pelos povos indígenas na CF/1988, se percebe a existência de aspectos diferenciados de educação indígena que perpassam estes sistemas de educação e a vida de pessoas indígenas, pois já existem professores índios, médicos, advogados, profissionais liberais, escritores, atores e atrizes, políticos etc.... e, se constata, nos sistemas de educação se percebe currículos, diretrizes, Referências e diversos outros instrumentos administrativos e jurídicos que orientam sobre a Educação Escolar Indígena, Específica, Bilingue, Intercultural e Diferenciada.

A legislação que ampara a educação escolar indígena é requíssima de detalhes estruturais, sociolinguístico e culturais que respeitam e garantem a diversidade e as especificidades das sociedades indígenas. Restam, no entanto, a todos os envolvidos com as escolas indígenas, ao poder público, à comunidade, e aos próprios professores índios discutir essa legislação e os seus direitos, fazendo acontecer uma educação de qualidade e específica nas aldeias. (FERNANDES.2009. p.44)

No entanto, ainda assim, a escolarização indígena é uma questão um pouco preocupante, pois os avanços da conquista ainda não garantiu aos indígenas a plenitude de seus direitos. Muitos tem se feito, mas existem muito a fazer. Um destes exemplos de onde se precisa trabalhar mais é sobre a formação de professores indígenas, objeto deste trabalho, dentre outros.

Por políticas anteriores equivocadas, o município de Normandia acabou por ter um quadro de professores que atuam nas escolas indígenas, mas que ainda não tem a formação mínima como professor.

Atualmente a rede municipal atende 3.480 alunos matriculados, divididos em 3 escolas na sede e 66 escolas nas comunidades indígenas. As escolas do município são formadas por mais de 90% por cento de escolas indígenas. Esta realidade aponta para 70% dos professores que atuam na rede tem apenas o ensino médio como escolaridade, o que dificulta no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Essa formação continuada é necessária, pois além das dificuldades encontradas para preparar o docente, questionamentos são levantados sobre qual concepção de ensino o aluno indígena pode

aprender. A formação continuada é importante, pois o docente passará por uma qualificação profissional conforme sua realidade encontrada.

Por meio da Formação Continuada o professor pode conquistar sua autonomia profissional, refletir sobre a sua prática, construir teorias sobre o seu trabalho, já que é a reflexão na e sobre a ação que lhe permite participar ativamente dos problemas, analisar as suas práticas rever suas rotinas, inventar novas soluções.(MÁXIMO E NOGUEIRA,2009.p.46)

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A análise dos resultados desde trabalho foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica e experimental, utilizando o método de análise de conteúdo (depoimentos dos professores entrevistados). A formação aconteceu por 7 etapas com encontros presenciais, além disso foi proposto um modelo de ficha de sondagem para o acompanhamento do nível de aprendizagem dos alunos em relação a leitura e escrita.

No decorrer da formação presencial, os professores deviam relatar e apresentar suas experiências que deviam ser feitas como complemento da formação continuada diferenciada sempre voltados para a alfabetização, letramento, leitura e escrita. De acordo com uma professora atuante na Comunidade Indígena Placas, Região Baixo Cotíngio, a mesma relata que sua experiência foi “Um das maiores dificuldades encontradas com nossos alunos, era saber a qual nível de alfabetização ele se encontra, Neste sentido, a ficha de sondagem para diagnóstico, explicada detalhadamente pelo formador, nos trouxe a facilidade de desenvolver o processo de ensino do aluno a partir de sua dificuldade”. Além disso, a professora, a qual é atuante na Educação Infantil, teve a experiência de levar os alunos na fazenda da comunidade para trabalhar com a argila, matéria prima encontrada dentro da própria comunidade. Seu objetivo era através do manuseio do argila levar os alunos para confeccionar os numerais e o alfabeto em alto relevo. Ainda assim, os alunos exploraram o meio ambiente e os animais com contação de histórias.

Porém, segundo a professora da Comunidade Placa, existem ainda muitas coisas a serem melhoradas para o ensino do aluno. A essência da formação continuada nos faz repensar que as metodologias que o professor inserir em sala de aula será o diferencial para seu aprendizado.

A professora da Comunidade Napoleão, da Região da Raposa relata que:

“A importância do uso da língua materna, podendo trazer benefícios para o resgate cultural, e admitiu que em sua comunidade está perdendo essa essência de cultura, que a formação veio

como forma do “despertar” do professor indígena para praticar suas origens dentro de sala de aula”.

Levando em consideração outro professor da Comunidade Olho d’água da Região Baixo Cotingo:

“A formação continuada me fez entender que o uso de jogo pedagógicos pode ser usado como ferramenta de metodologia para trabalhar a matemática. Trabalhei as 4 operações, voltado para alunos do 4º e 5º anos do ensino fundamental 1”.

Um dos principais foco da formação era trazer o concreto do entorno escolar como essência do conteúdo e como forma de prática para o aluno. Fazendo com que o professor trabalhe a prática escolar junto com o aluno, o levando a pensar e a questionar tal assunto a partir de suas experiências de vivências e saberes na comunidade. Ainda assim, vale ressaltar que foi gerado vários depoimentos de experiências vivenciadas pelos professores dentro de sala.

Sabe-se que a importância da formação traz benefícios de fazer com que o professor saia do tradicionalismo e pratique metodologias que faça com que o mesmo desperte sobre o olhar do aluno indígena, mostrando suas crenças, valores, ciência, língua materna e essência de cultura. Fazer com que o aluno reflita sobre suas ações e possa ser, ao mesmo tempo letrado, alfabetizado e um gerador de conhecimento para sua futura geração.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo em vista dos aspectos e experiências observados e vivenciados na formação continuada, diante da existência da diversidade étnica, linguística e cultural do país, nos faz repensar sobre práticas metodológicas que podem ser utilizadas para se valorizar os saberes e as culturas indígenas. Sabe-se que os povos indígenas no decorrer de suas gerações, foi trabalhado metodologias no eixo da oralidade, na crença, nas experiências místicas, na preservação ambiental e, depois se transformaram em ciências dos saberes indígenas, mas será que está existindo esta valorização na hora de se praticar a escolarização indígena?

A formação continuada proposta para as professoras e professores indígenas atendeu suas metas e estratégias propostas, que foi priorizar abordagens e conteúdos que favorecem o letramento e alfabetização. Desta feita, o uso do recursos naturais foi primordial para a execução das atividades desenvolvidas no decorrer da formação e, também voltado para a prática em sala de aula. Tais recursos são ferramentas pedagógica utilizado como metodologia que o professor pode trabalhar com seus alunos.

Além de promover o prazer do aluno em aprender, os recursos naturais como recursos metodológicos trazem um olhar sustentável, trazendo benefícios para que os ensinamentos



possam alcançar uma concepção de letramento e alfabetização que valorize a consciência ecológica.

**Palavras-chave:** Educação Indígena, Povo Macuxi, Identidade Étnico, Processo Educacional

### **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos primeiramente a Deus pela oportunidade de atuarmos na profissão que é responsável por formar outras gerações, na oportunidade agradecemos ao nosso prefeito Dr Raposo e ao nosso Secretário de Educação Abraão Oliveira pelo apoio e a oportunidade de podermos levar o nome do nosso município a outros cantos do País. E não menos importante, agradecemos ao nosso professor Dr José Airton da Silva Lima, que foi responsável por essa formação tão importante para nossos professores indígenas, além disso é o nosso piloto desse trabalho, nosso orientador. Agradecemos ao nosso Mestre e parceiro para todas as horas professor Salomão Amorim, pelas orientações e correções e a equipe do Departamento de Coordenação Pedagógica Mayara Esbell, Débora Rosely, Daniel Carneiro e Jamison Gaskin.

### **REFERÊNCIAS**

FERNANDES, DULCILENE RODRIGUES. Formação de Professores indígenas: um rito de passagem? Cuiabá/MT: **EdUFMT**, 2009. 162 p.; 22 CM. – ( Coletânea Educação Escolar Indígena; v.5).

MAXIMO, ANTONIO CARLOS; NOGUEIRA, Genialda Soares. Formação Continuada de Professores de Mato Grosso (1995-2005). Brasília: **Líber Livro**, 2009. 158 p.

LIMA, JOSÉ AIRTON DA SILVA. Políticas Públicas no Campo da Educação Indígena no Estado de Roraima/ José Airton da Silva Lima – **ed. UFRR Boa Vista**, RR. 2017.

Lei Nº 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília

**REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA AS ESCOLAS**

**INDÍGENAS/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL**. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

ROSAS, MARIA OTÍLIA DE LIMA; NOGUEIRA, DAMÁSIO DOUGLAS. Normandia: O município e os Pioneiros do Baixo Rio Maú. **Gráfica e Editora Boa vista**, 2002. 23 p.